



Time Out 11-11-2009	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Cultura
	Classe:	Cultura/Lazer	Dimensão:	209
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	20000	Página (s):	62



O que se Leva Desta Vida

★★★★

São Luiz

Teatro. Até Domingo

Afinal, o que é uma alheira? Um enchido que leva carne e gordura de vitela, coelho, peru, pato, galinha, ou mesmo perdiz, mais pão, azeite, banha, alho e colorau, ou uma artimanha de judeus para ludibriarem a Inquisição? Ou será que uma alheira é uma ideia? Um conceito que é necessário desconstruir e reinterpretar? Seja o que for, basta para dois cozinheiros se pegarem em *O que se Leva Desta Vida*.

A problemática da alheira não deve ser encarada levianamente. A bem dizer, por causa dela, dois jovens chefs talentosos, candidatos a uma estrela Michelin, ainda acabam com a sua sociedade comercial e criativa e abafam à nascença as potencialidades do restaurante Cópia. Mas a verdade é que na cozinha, provisoriamente instalada no palco do São Luiz, onde evoluem os actores e encenadores Gonçalo Waddington e Tiago Rodrigues – também autores do texto, com o realizador João Canijo, por sua vez responsável pela dramaturgia da peça –, na cozinha, dizia, depois do sarcasmo e da troca de galhardetes prepara-se a tragédia. Um acusa o outro de tradicionalismo, de respeito dogmático pelo

produto fresco, da impossibilidade de repetir a experiência culinária-gustativa. E o outro responde que ao primeiro só interessa o conceito, a manipulação biotecnológica, a repetição desprovida de emoção. E assim vão, palavra puxa palavra, entre empratamentos e descomposturas aos ajudantes, até à cena crucial, a cereja no cimo do bolo da comédia, desenvolvida como uma hilariante batalha de egos, um vórtice de irracionalidade emocional, portanto, uma discussão a sério. E, aqui, a utilização do vídeo é crucial, ao permitir uma visão complementar, um olhar do interior do palco que, em conjunto com a movimentação dos actores, gera uma coreografia complexa e harmoniosamente estimulante, ou seja, acrescenta mais um elemento ao caos.

A disputa deste combate de chefs é do tipo cuja argumentação tende a filosofar e a poder ser entendida como subtexto ou metáfora para a arte e para a vida e basicamente para o resto que se quiser. A interpretação semiótica, contudo, fica ao critério individual, pois se os gostos se discutem, também é verdade que entre a Bimby e o batedor de varas há imaginações para tudo.